



**A REAÇÃO DOS PORTUGUESES
ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS
– A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”**

**Portuguese reaction to napoleonic raids
– the importance of “Talhadas”**

António José Maia de Mascarenhas



Vila Velha de Ródão, 2012

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

Portuguese reaction to napoleonic raids – the importance of “Talhadas”

António José Maia de Mascarenhas¹

Palavras-chave: Linhas defensivas; Guerra das Laranjas; invasões napoleónicas; D. Miguel Pereira Forjaz; Marquês de Alorna; Plano de Defesa de Portugal de Wellington; posição das Talhadas; objetivo intermédio; Abrantes.

Keywords: Defensive lines; Orange War; napoleonic invasions; D. Miguel Pereira Forjaz; Marquis de Alorna; Defensive Plan of Portugal by Wellington; Talhadas position; intermediate objetiv; Abrantes.

Resumo

Nos séculos XVIII e XIX as Talhadas eram na Beira Baixa e para Abrantes como a posição do Buçaco o foi na Beira Alta em 1810 para o objetivo intermédio que era Coimbra.

¹ Tenente-General. Arma de Engenharia.

Abstract

During XVIII e XIX centuries Talhadas position was at Beira Baixa and in way to Abrantes the same as the position of Buçaco was at Beira Alta in 1810 to the intermediate objetiv Coimbra.

1. Descrição do teatro de operações de Portugal continental. Lisboa - o objetivo principal. A importância da Beira-Baixa

Desde sempre os povos tiveram a perceção de quais os acessos á sua terra e como impedir esse acesso.

No caso nacional o nosso primeiro Rei, sentindo que os seus territórios de Trás-os-Montes e Astorga estavam protegidos pelo Rei de Leão e Castela, do inimigo comum – os muçulmanos, estabeleceu a sua primeira linha defensiva no Rio Douro com posições avançadas na margem sul. Quando julgou oportuno iniciou as incursões de conquista

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

para o Sul, primeiro até ao Mondego, protegendo o seu flanco este com os castelos da Beira e guarnecendo os castelos conquistados para manter a sua linha de comunicações com o norte. O acesso ao território na Beira Alta é mais fácil passando o rio Coa na zona de Vilar Formoso – o eixo da Beira Alta, sendo os objetivos dos muçulmanos o Porto ou Coimbra; Coimbra e depois o Porto também podiam ser atingidos contornando a Serra da Estrela pelo Sul ou seja entrando no que é hoje o território nacional pela Beira Baixa – o eixo da Beira Baixa, entrando pelo norte ou pelo sul da Serra da Malcata (respetivamente por Sabugal ou Penamacor) seguindo via Castelo Branco, passando as Talhadas em direção a Sobreira Formosa e daqui para Tomar de onde infletiam para norte. Quando conquistou Lisboa o Rei estabeleceu nova linha defensiva com castelos ao longo do Tejo e que ligou à da Beira e guarneceu os castelos do interior com ligação entre eles para apoio mútuo e para manterem entre si comunicações. Na conquista do restante território continental os reis portugueses mantiveram o conceito, constituindo a linha defensiva da fronteira do Alentejo para proteção contra o reino muçulmano na Península. A partir do século XV os castelos principais foram envolvidos por muralhas abaluartadas para fazerem face ao aumento do potencial dos exércitos mas os conceitos a que obedecia a sua localização e finalidade mantiveram-se.

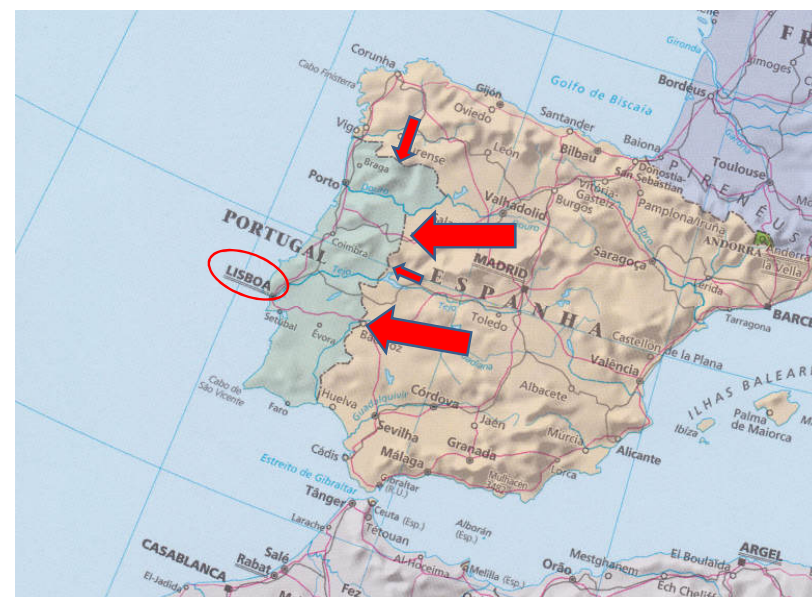


Figura 1. Principais eixos de invasão de Portugal Continental.

O Conceito de linhas defensivas, o conhecimento da sua localização no território nacional e a forma das reforçar eram perfeitamente conhecidas pelos militares portugueses, para o caso que nos interessa, os dos séculos XVIII e XIX.

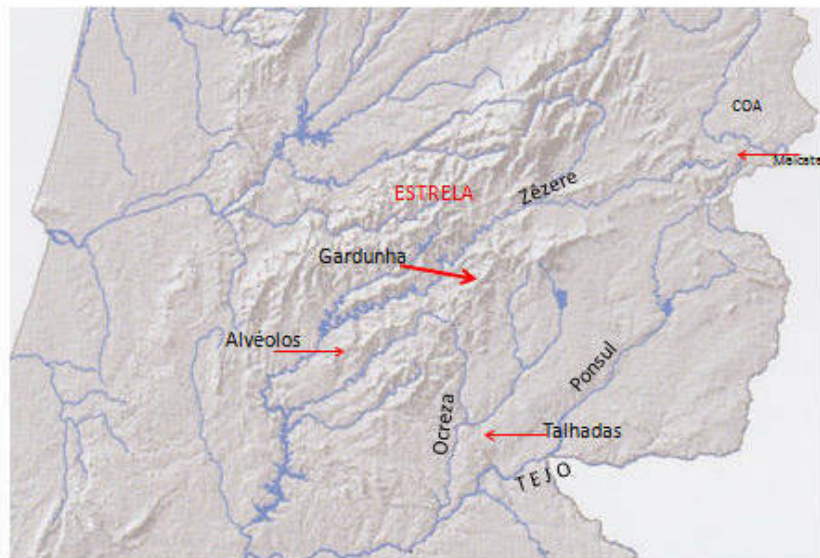


Figura 2. "As Talhadas - entre o Ocreza e o Tejo".

Portugal continental, na descrição de vários contemporâneos, é um território pequeno e com fracos caminhos e um número suficiente de praças-fortes para a sua defesa. Dumouriez, um espião francês que chegou a general, descreveu Portugal em 1766 como tendo 6 províncias

agrupadas em duas partes; uma: Entre-Minho-e-Douro, Trás-os-Montes e Beira, outra: Estremadura Portuguesa, Alentejo e Algarve. Como se percebe, para o invasor é a Serra da Estrela que cria esta visão em dois compartimentos do espaço nacional continental (Dumouriez caracteriza também as outras partes territoriais portuguesas: insulares, africanas, americanas, da Índia e da Ásia). Nos dois compartimentos principais do território continental português releva também a importância dos rios Douro, Tejo e Serra Algarvia (e do Mondego embora não apareça explicito) como principais obstáculos. Dumouriez defende que a estratégia portuguesa para a guerra perante uma invasão é afastar o invasor de Lisboa que crê conseguir-se garantindo a posse de Almeida e ocupando os vales e desfiladeiros da Beira. "A província da Beira tem menos praças-fortes que o Alentejo, mas ela é quase impenetrável".. "A parte mais essencial a defender e a mais fácil pela força natural, é Zebreira-onde se projetou a construção de uma fortificação, Idanha, Penamacor e Alfaiates; é uma frente natural para um exército português." ²Uma das fontes inspiradoras de Dumouriez foi a campanha de defesa de Portugal em 1762 sob comando do Conde De Lippe.

² Dumouriez, Charles (2007) - *O Reino de Portugal em 1766*. Edição Caleidoscópio.

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

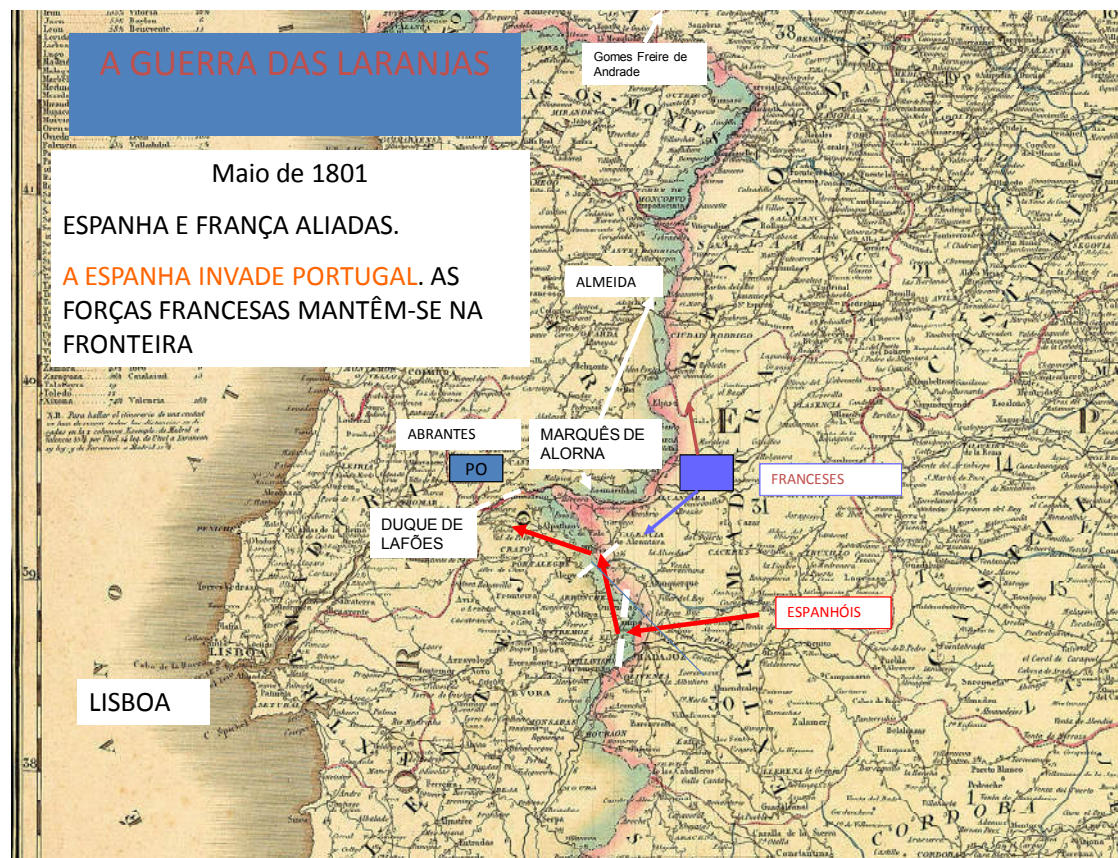


Figura 3. A Guerra das Laranjas.

Sobre a importância da Beira na defesa de Portugal podemos também analisar os escritos do Marquês de Alorna em 1801 em vésperas da Guerra das Laranjas. Alorna era então comandante da Legião de Tropas Ligeiras e preparou a defesa da Beira escrevendo o “Plano e disposições para a defesa da fronteira entre o Tejo e o Douro”. Foi também durante esta campanha que Alorna escreveu ao Príncipe Regente propondo-lhe que em caso de invasão ponderasse continuar a reinar no Brasil para o que deveria preparar os navios de guerra e de transporte.

Perante a evolução da situação estratégica e militar na Europa do final do século XVIII e primeiros anos do século XIX o regente D. João e a governação conduziram essencialmente uma manobra diplomática que pretendia colocar Portugal fora do conflito. A Espanha também pretendia evitar a confrontação mas mercê da aliança com a França a presença das tropas francesas no seu território vinha sendo uma constante supostamente como reforço contra os ingleses.

2. As Invasões napoleónicas – três maneiras diferentes de invadir Portugal

A retirada da corte para o Brasil foi a reação estratégica adequada e uma manobra planeada, preparada e executada com rigor.

2.1. A reação dos portugueses à 1ª Invasão

Perante a 1ª invasão - de Junot, Portugal não tinha potencial militar para lhe fazer frente por falta de uma preparação defensiva adequada.

Valeu a reação dos militares, das gentes e da igreja, em especial no Porto, no Algarve e no Alentejo que permitiram isolar Junot na região de Lisboa.

No imediato, no norte, o Bispo do Porto e D. Miguel Pereira Forjaz assumiram o comando político e administrativo e a superintendência da organização das forças militares portuguesas e o apoio às forças inglesas de Wellesley.

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

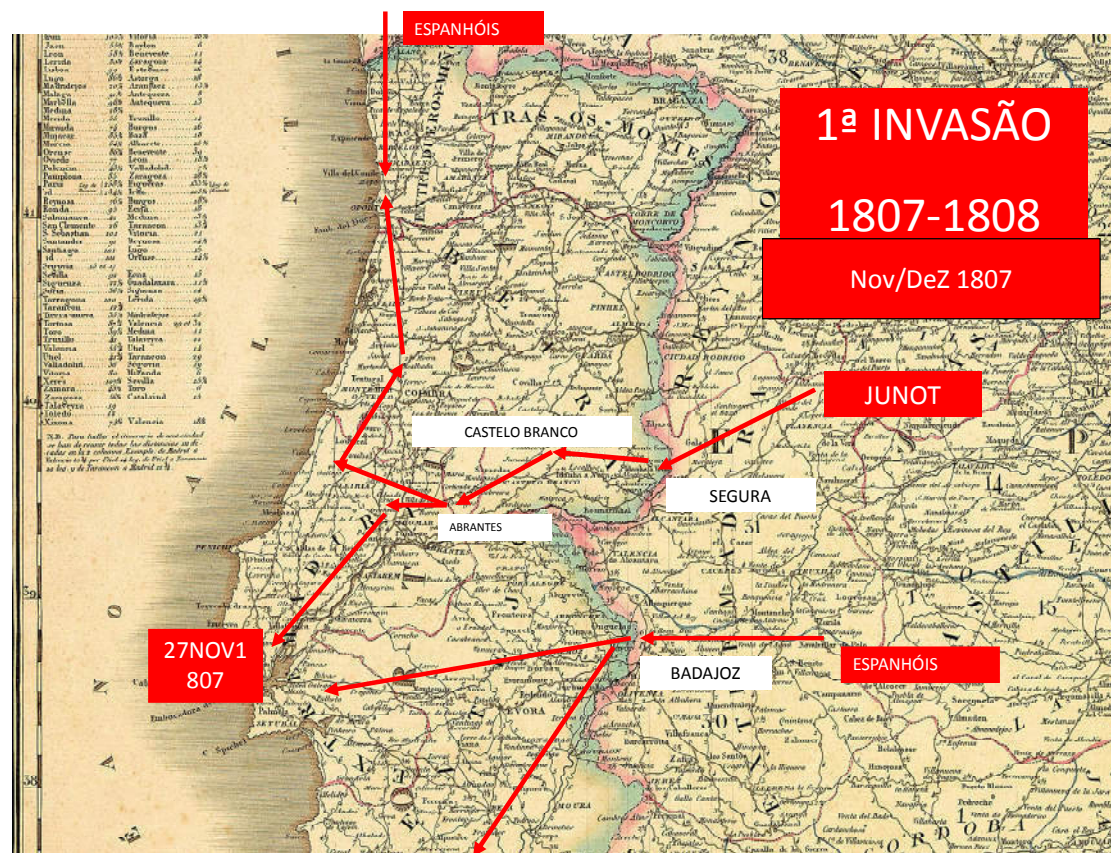


Figura 4. A 1ª Invasão Francesa em Novembro / Dezembro de 1807.

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

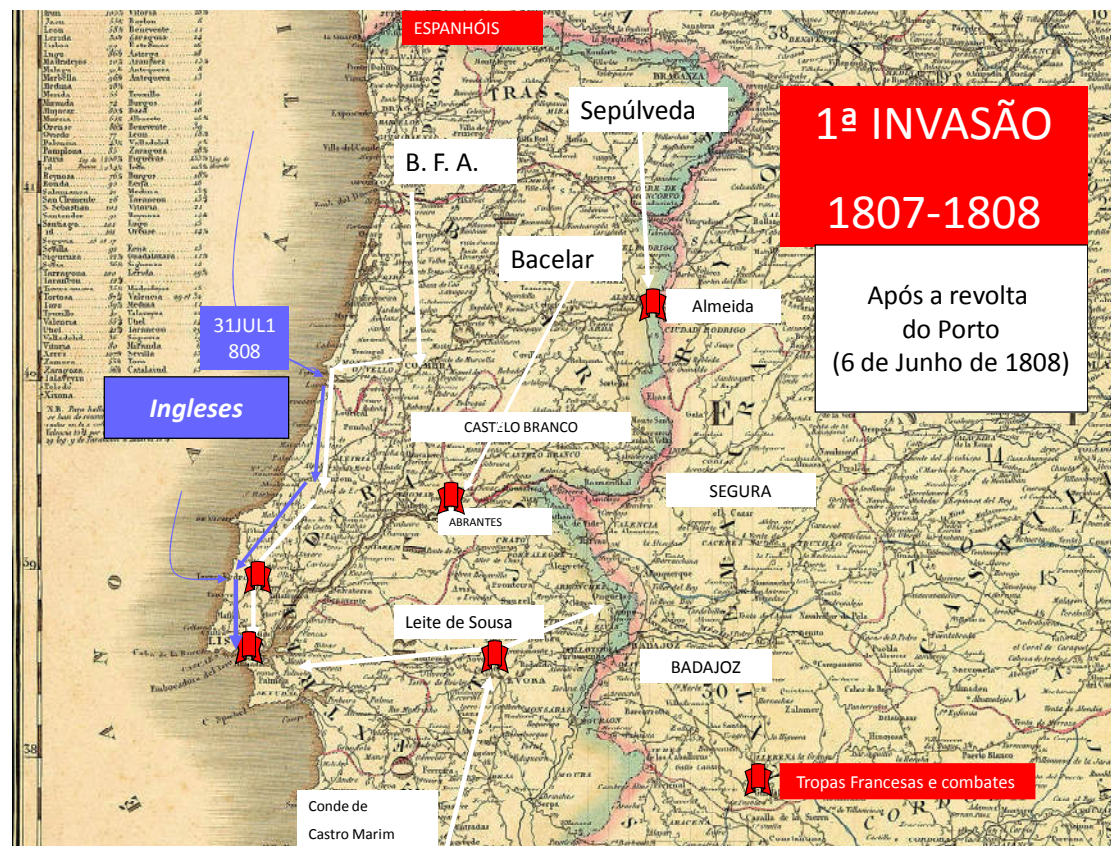


Figura 5. A 1ª Invasão Francesa após a Revolta do Porto.



Figura 6. D. Miguel Pereira de Forjaz.

No entanto, a ausência de poder político assumido para todo o país impediu que Portugal fizesse parte das negociações da Convenção de Sintra.

2.2. A reação dos portugueses à 2ª Invasão

Entretanto contratara-se o General Beresford para organizar o Exército com as forças de Lisboa, do sul e da Beira o que se foi concretizando e em pouco tempo.

A 2ª invasão, comandada por Soult entra por Trás-os-Montes conquista Braga e o Porto mas ao dirigir-se mais para Sul não consegue passar além do Vouga e ficando limitado a este pelo rio Tâmega em cuja margem esquerda as forças do General Silveira mantiveram as forças napoleónicas em respeito.

Com a chegada de Wellesley novamente a Portugal agora com a responsabilidade de Comandante em chefe das forças inglesas e portuguesas a superioridade necessária para expulsar Soult do Porto foi garantida e assim aconteceu a 12 de maio de 1809.

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

Organização de 1806/07
ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

GOVERNOS MILITARES (7)

MINHO – TRÁS-OS-MONTES – PORTO – BEIRA – ESTREMADURA – ALENTEJO - ALGARVE

24 BRIGADAS DE ORDENANÇAS

CADA **BRIGADA DE ORDENANÇAS** FORNECIA: 1 REGIMENTO DE LINHA
2 REGIMENTOS DE MILÍCIAS

AS **BRIGADAS DE ORDENANÇA** *FABRICAVAM* 24 REGIMENTOS DE LINHA
48 REGIMENTOS DE MILÍCIAS

REGIMENTOS DE MILÍCIAS (48)

MINHO: VIANA – VILA DO CONDE – BARCELOS – GUIMARÃES – BRAGA – PONTE DA BARCA
– ARCOS DE VALDEVEZ – CABACEIRAS DE BASTO (8)

TRÁS-OS-MONTES: BRAGANÇA – MIRANDA DO DOURO – MONCORVO – CHAVES – VILA REAL (5)

PORTO: PORTO – PENAFIEL – FEIRA – MAIA – OLIVEIRA DE AZEIS – AVEIRO – FIGUEIRA DA FOZ (7)

BEIRA: LAMEGO – AROUCA – TRANCOSO - VISEU — GUARDA - COVILHÃ – CASTELO BRANCO - IDANHA - TONDELA – COIMBRA – ARGANIL
(11)

ESTREMADURA: LOUSÃ – SOURE – LEIRIA - TOMAR - SANTARÉM — TORRES VEDRAS – TERMO ORIENTAL DE LISBOA – TERMO
OCIDENTAL DE LISBOA – SETÚBAL – ALCÁCER (10)

ALENTEJO: AVIS – BEJA – ÉVORA – PORTALEGRE – VILA VIÇOSA (5)

ALGARVE: LAGOS – TAVIRA (2)

LISBOA (POSTERIORMENTE): VOLUNTÁRIOS R. A PÉ DE LISBOA ORIENTAL – VOLUNTÁRIOS R. A PÉ DE LISBOA OCIDENTAL – REG DE
VOLUNTÁRIOS DO COMÉRCIO – REGIMENTO DE MILÍCIAS DE LISBOA OCIDENTAL – VOLUNTÁRIOS REAIS DE MILÍCIAS A CAVALO – REGIMENTO
DE CAVALARIA DE VOLUNTÁRIOS

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

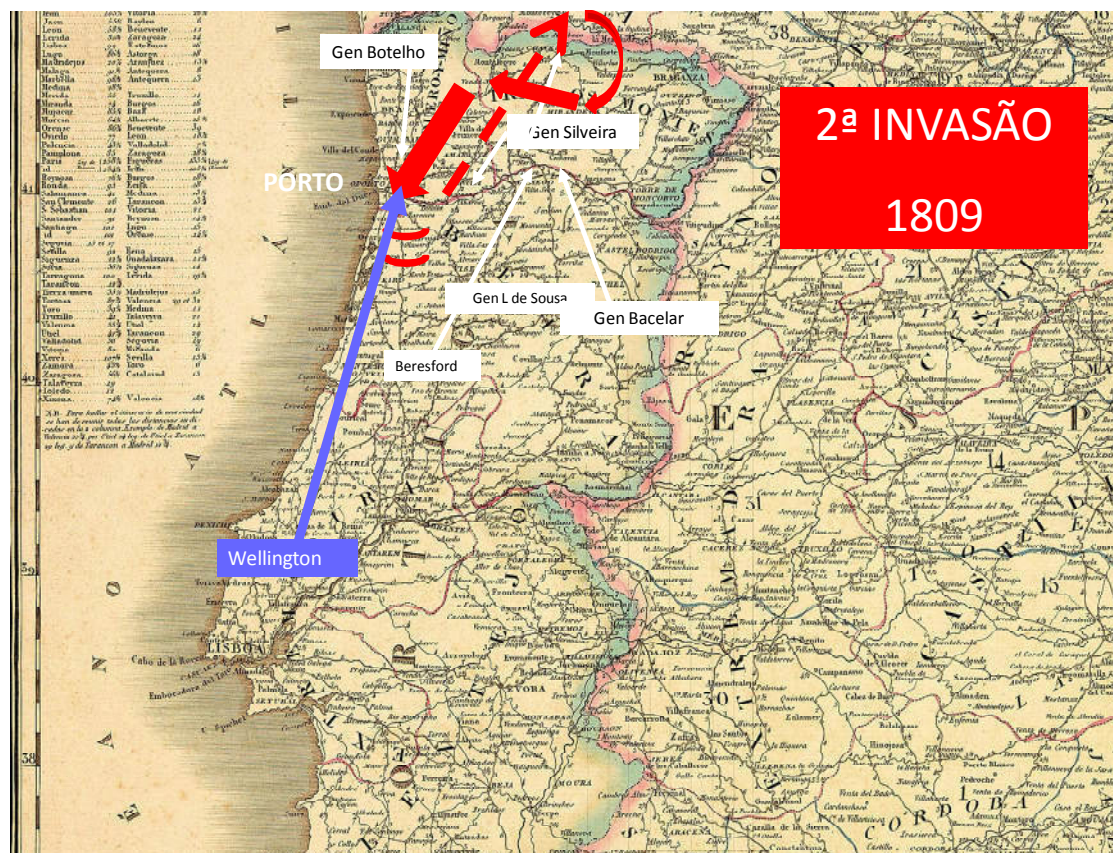


Figura 7. A 2ª Invasão Francesa.

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

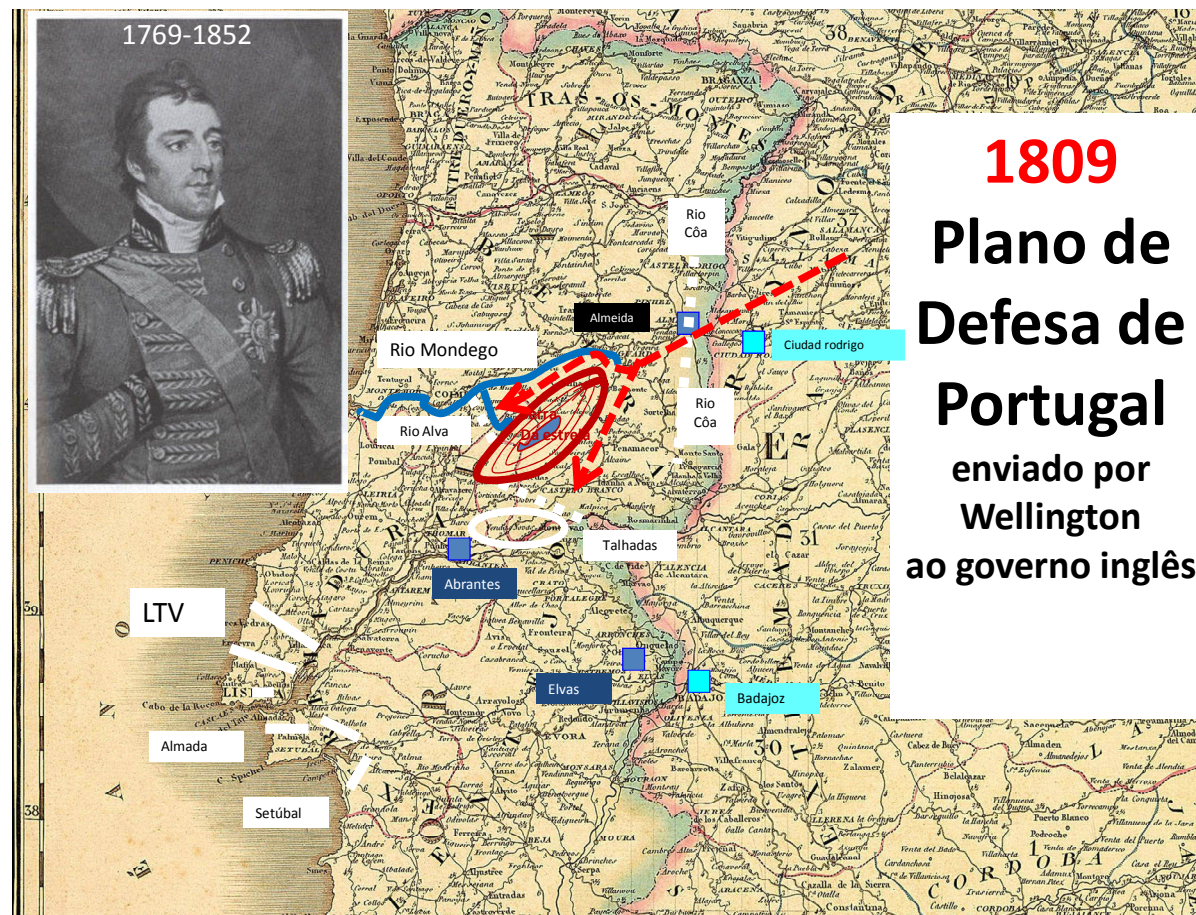


Figura 8. Plano de Defesa de Portugal.

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

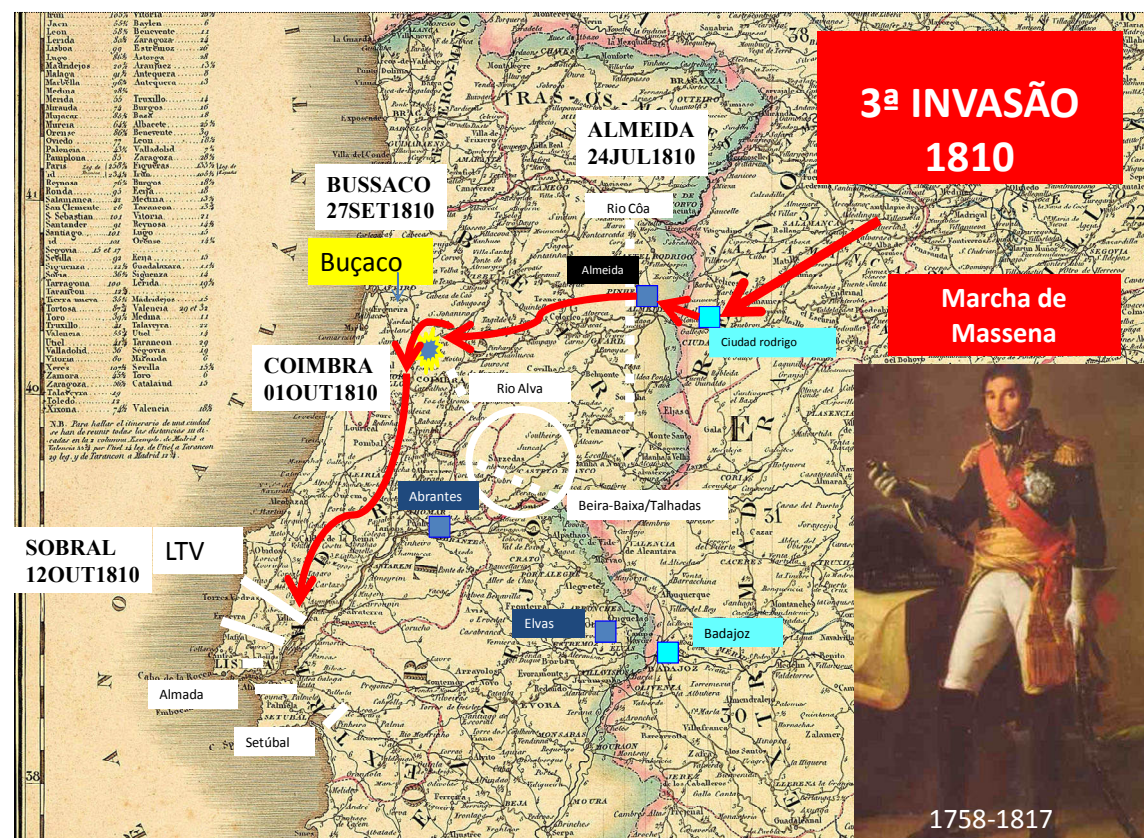


Figura 9. 3ª Invasão Francesa – 1810.

A REAÇÃO DOS PORTUGUESES ÀS INVASÕES NAPOLEÓNICAS – A IMPORTÂNCIA DAS “TALHADAS”

António José Maia de Mascarenhas

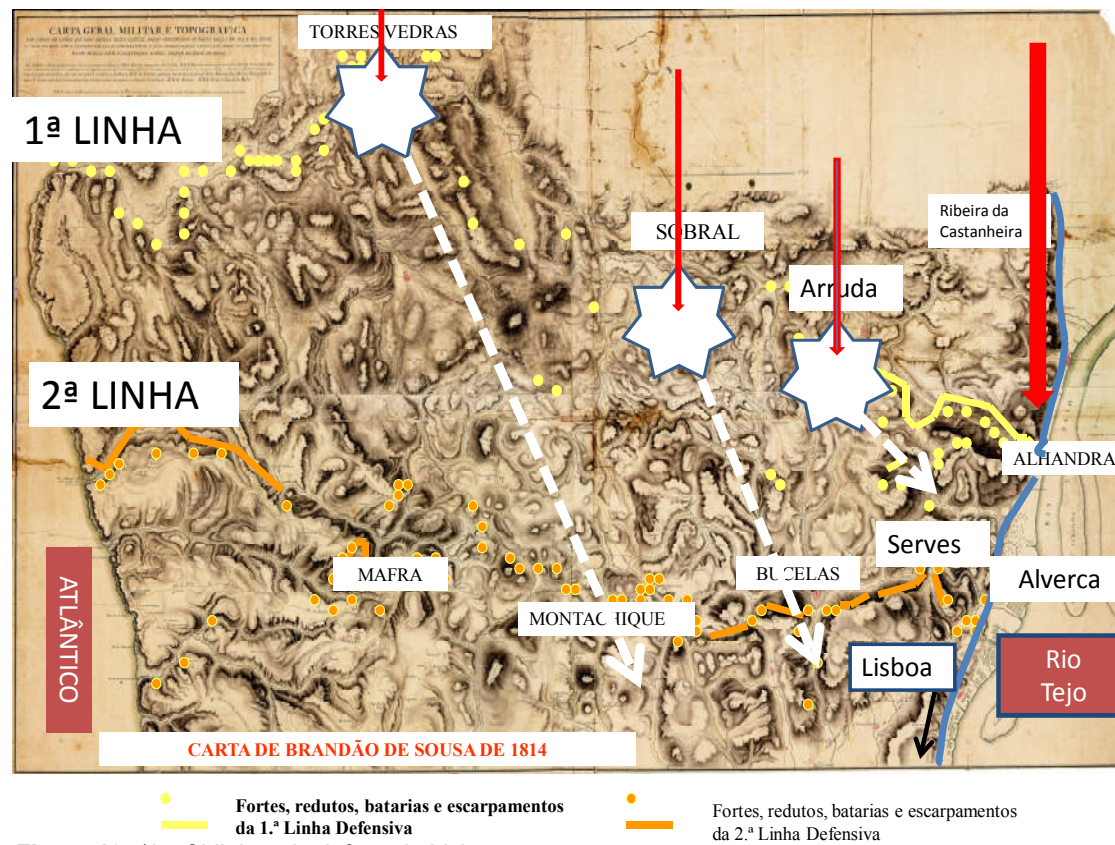


Figura 10. 1ª e 2ª linhas de defesa de Lisboa.

2.3. A reação dos portugueses à 3ª Invasão

D. Miguel Pereira Forjaz assume uma posição predominante na regência e liga-se muito bem com Wellington e Beresford. As forças anglo-lusas começam a ter capacidade de combate e experiência face ao inimigo.

Em 1810 tudo leva a crer que Napoleão prepara nova invasão de Portugal. Wellington elabora um plano para a defesa de Portugal com base no conhecimento militar nacional e no seu próprio reconhecimento do território.

Quando as forças de Massena invadem Portugal já o plano de defesa está implementado e as forças napoleónicas depois de terem passado o Côa e depois o Mondego, apesar da Batalha do Buçaco, embatem nas linhas de Torres Vedras defendidas pelas milícias portuguesas e pela artilharia portuguesa atrás das quais prontas a contra-atacar qualquer penetração se instalaram as unidades do Exército Anglo-Luso que tinham retirado do Buçaco.

Massena impedido de chegar a Lisboa retira para Santarém e depois em fuga acaba por sair do território nacional.

Conclusão

Na Beira está a primeira linha de defesa do nosso território a norte do Tejo. A Beira Baixa contém a segunda linha de defesa e a linha avançada da defesa do objetivo intermédio que é a posição de Abrantes - a chave do Tejo. As Talhadas são na Beira Baixa como a posição do Buçaco (posição contornada porque deficientemente preparada) o foi na Beira Alta para o objetivo intermédio que é Coimbra e de desgaste do adversário antes das linhas de Torres Vedras. As Talhadas foram utilizadas em vários períodos mas nunca foram cenário de grande confronto de forças militares. São ainda nos dias de hoje uma grande muralha natural que dificulta o acesso ao Vale do Tejo.